

Uma paixão que te fará sonhar. Desde sempre e *eternamente*.

TAMMY LUCIANO

Sonhei
que amava
VOCÊ.







TAMMY LUCIANO

Sonhei
que amava
VOCÊ



valentina

Rio de Janeiro, 2014

1ª edição

*Dedicado a Luiz Luciano, meu pai. Grande parceiro dos meus sonhos,
felicidade nos meus dias, me ajudou a caminhar, acreditar e
para quem adoro contar que escrevi mais um livro.*

“Tudo que você conseguir imaginar é real.”
(Pablo Picasso para Frida Kahlo)

UM



Fui pega pela senhorita surpresa

Eu posso garantir: no final, o que foi sonho foi sonho e o que foi real é pura realidade. Sonho e realidade terão certeza: não viverão um sem o outro. Boa viagem!

Um pássaro invadiu a loja e fiquei olhando a sua tentativa desperada de sair pela janela. Pensei em ajudar, mas, antes que eu movesse meu corpo, vi o bichinho inclinar levemente o peito, erguer a cabeça e reconquistar o ar livre. Corri até a janela e fiquei observando aquele bater de asas, o alívio do animalzinho e, depois da angústia da prisão por poucos segundos, a sensação de liberdade, de ganhar o mundo inteiro para viver. Eu também queria esse mundo para viver!

Caminhei até a minha mesa, enquanto tocava *Pump It*, do Black Eyed Peas, dançando desordenadamente, jogando as mãos para a frente, girando a cabeça e feliz por não estar sendo observada por ninguém. Sentei rindo de mim mesma e me sentindo mais leve. Honestamente, nunca fui de alimentar problema, pelo contrário, sempre amei me renovar em doses sinceras, não ficar supervalorizando nada além dos bons momentos.



Fiquei parada, com aquela sensação maravilhosa de sangue *correndo* pelo corpo. No último ano, algumas mudanças e outros assuntos absolutamente congelados tinham me transformado por dentro. Mesmo quando nada muda nos nossos dias, estamos sofrendo mutações profundas. O tempo leva quem fomos e nos apresenta alguém que temos que conhecer na frente do espelho todos os dias.

A maior movimentação atualmente dizia respeito a ter aberto uma loja com minha melhor amiga Leandra, a Lelê, finalmente realizando o sonho de trabalhar com móveis antigos, decoração, moda, numa misturinha boa e um pouco diferente do comum. Afinal, procurávamos roupas, acrescentando detalhes especiais, e objetos antigos, literalmente na operação garimpo. Trabalhávamos em cima da peça, restaurando e repaginando não só poltronas, mesas, cadeiras e sofás, mas peças vintage, fazendo o velho virar antigo e esse antigo muito atual.

A ideia da loja nasceu do enorme sonho da Lelê em trabalhar com decoração, em um dia bem sem graça, depois que fomos a um churrasco cheio de promessas, porém mais desanimado que uma reunião de octogenárias debatendo crochê e tricô.

– Não arrumei namorado rico, então terei que trabalhar. – Ela soltou uma deliciosa gargalhada e bateu no meu ombro, selando um pacto que rapidamente deu certo. Não havia chance de eu correr da proposta. Lelê só tinha a mim como opção de sociedade e eu a adorava tanto a ponto de apostar em qualquer de suas ideias. No dia seguinte, acordou com tamanha determinação para abrir nosso negócio, que me deixou meio sem graça de lembrar da possibilidade de não dar certo.

Conheci Lelê por acaso. Eu morava duas ruas antes. As amigas do prédio detestavam o grupinho da minha futura sócia. Eu tinha má vontade só de escutar o nome de qualquer uma das garotas. A gente frequentava as mesmas festas, mas não nos olhávamos. Birra idiota de garotinhas mimadas. Tínhamos 13 anos nessa época. Um dia, as meninas da minha rua foram ao aniversário da prima de uma outra, da rua da Lelê. Sobramos, não fomos convidadas. Nos restou sentar na beira da calçada e ficar conversando. Horas de papo, curtindo cada assunto e descobrindo afinidades. Daquele dia em diante, não nos separamos mais. Viramos grude. Nós nunca brigamos, tínhamos muito em comum e tantas conversas nos fizeram as maiores e melhores amigas do mundo.

Nunca conheci quem gostasse mais de blogs de decor. E eu amava o *old is cool*. Apaixonada por moda e tecido acabei transformando um canto da nossa loja em uma espécie de boutique de roupas vintage, um estouro, e minha responsabilidade na sociedade. A mãe vinha comprar uma poltrona antiga, renovada com tecidos coloridos, e a filha mergulhava em saias no joelho com tule, sapatos boneca, bolsas de mão exóticas, colares anos 50 e blusas com rendinhas. Algumas peças nós mesmas confeccionamos, outras a gente customizava para ficar com a nossa cara, e algumas poucas, compradas, recebiam tratamento VIP para ganhar nosso estilo. Para nossa sorte, minha mãe entrou como quase sócia do empreendimento e o local se tornou um sucesso desde o início.

Naquele dia eu ficaria sozinha na loja todo o tempo. Lelê visitaria uma cliente, esposa de um jogador de futebol, interessada em comprar de uma só vez várias peças para o recém-reformado apartamento, cheio de cantos perfeitos para cristaleiras, mesas antiquinhas, combinando com sofás caros cor nude e papel de parede off-white.

Permaneci sentada no escritório, um silêncio incômodo, o barulho de um carro freando ao longe. A loja estava completando um ano, um sonho realizado, mas, fora ela, minha vida amorosa estava pacata demais. Ultimamente, eu andava com uma sensação íntima da chegada de grandes acontecimentos. Não podia reclamar, os dias estavam ótimos, eu tinha sorte na vida de ser de uma família unida, ter amigos maravilhosos e, com apenas 22 anos, ter acertado a parte profissional.

Não foi fácil, até pela pressão familiar, todo mundo querendo decidir por mim o que eu deveria fazer, mas depois de me sentir levemente perdida, agora estava por cima. Convencer minha família do que eu desejava parecia tão difícil quanto manter meu peso.

Só para vocês entenderem: morávamos eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos Carlos Eduardo, o Cadu, e Carlos Rafael, o Cafá, quatro anos mais velhos do que eu. Meus irmãos, gêmeos idênticos, lindos, carregavam a lenda de “os gatos do Recreio”, isso porque morávamos no Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro. Nunca fora muito fácil ser irmã dos “mais mais” do bairro. Eles faziam tanto sucesso... na maior parte do tempo era engraçado ser a irmã dos caras perfeitos. Assumo que muita gente se aproximava de mim por esse singelo detalhe. Garotas simpáticas até demais, forçadamente minhas melhores amigas casuais, que no dia seguinte passavam por mim na



academia e mal lembravam que tinham me oferecido uma viagem a Miami em troca do corpinho de um deles.

Os dois tinham a combinação perfeita de serem altos, atléticos, morenos, cabelos lisos jogados, olhos cor de mel, dentes perfeitos, sorrisos radiantes, surfistas, adoravam se divertir... Mesmo assim tendo muito senso de responsabilidade, estudando e trabalhando, viviam animados e pareciam carregar a certeza de terem ganho a carimbada de uma estrela para o resto da vida.

Cadu queria trabalhar com restaurante, ainda bem alguém correspondia ao sonho materno. Cafá desejava ser médico, e meu pai, Juiz, adorava a escolha, seguindo a carreira do meu avô paterno. Cadu fazia MBA em administração, cursos de gastronomia e vivia envolvido na criação dos pratos do restaurante da minha mãe, o Enxurrada Delícia. Cafá, no primeiro ano da residência, fazia estágio na clínica de um amigo do meu pai, dermatologista, e sonhava em trabalhar na emergência de um grande hospital.

Meus irmãos, tão resolvidos em suas escolhas, acabavam sendo um leve problema para mim. Meus pais queriam saber qual das carreiras eu gostaria de cursar. Eu podia escolher qualquer área da gastronomia, qualquer especialidade médica, qualquer profissão ligada ao Direito, mas se eu falasse “quero ser cantora” estaria decepcionando a família profundamente. Durante anos carreguei uma culpa. Eu nunca seria dona de um restaurante, achava a coisa mais esquisita que se tem notícia, comidas frescas, pratos preparados com urgência, acordar às quatro da manhã, correria para limpar o lugar, preocupações com funcionários, criação de novos pratos, gentilezas e clientes sempre com razão. Olha que minha mãe fazia sucesso e recebia visitas frequentes de atores da Globo que saíam da gravação no Projac e iam jantar, muitas vezes invadindo a madrugada na companhia de um bom vinho. Atores e atrizes são pessoas estranhas. Duas da manhã querem jantar e encontrar tudo aberto em plena segunda-feira. Só mesmo a paixão pela gastronomia para explicar tanta dedicação da minha mãe, que aprendeu com a minha avó, que aprendeu com a bisá, que aprendeu com a tataravó... Eu mal sabia fritar um ovo.

Escolher uma carreira para a vida toda me amedrontava. E se depois de quatro anos eu tivesse certeza de ter escolhido a carreira errada? Várias vezes interrompi equações medonhas, olhava para o papel como quem observa o nada e concluía não ter mesmo a menor ideia do que faria na vida.

De um lado, Cadu dizia:



– Irmã, faz gastronomia! Vamos criar pratos no restaurante da mamãe.

Caía gritava do corredor:

– Nada disso, a Kira vai fazer medicina, vamos abrir uma clínica aqui no Recreio.

Veza por outra, meu pai levantava a voz da cozinha dizendo:

– Ela será Juíza como o papai aqui!

Ai, ai... Honestamente? Não me via em nenhuma dessas profissões. Como externar isso, assumir para todo mundo quão desorientada eu estava? Eles se decepcionariam?

Enquanto ficava no restaurante almoçando, estudando, pensava no meu futuro profissional. O barulho dos pratos não incomodava mais. O entra e sai dos garçons eu também não notava. Puro costume com a agitação, com a rotina do restaurante e aquele caos instalado antes da chegada dos clientes da noite, mas isso não significava querer aquilo para mim. Por fim, decidi cursar administração, o que deixou Cadu empolgadíssimo, achando que eu tinha escolhido trabalhar, de alguma forma, no Enxurrada.

E foi assim que um dia, depois da conversa séria com Lelê, descobrimos que nossos sonhos podiam caminhar juntos, fazendo nascer a Canto da Casa. Não foi fácil convencer meus familiares sobre querer algo completamente diferente de tudo que tinha sido feito até então.

Minha mãe, uma querida, me apoiou e esteve comigo nas discussões preliminares sobre o assunto. Participou ativamente durante o processo de aluguel da pequena casa, vizinha de um centro comercial do Recreio, nos ajudando com a documentação absurda e me presenteando com um dinheiro valioso capaz de dar um gás inicial que, sozinhas, eu e a Lelê não conseguiríamos levantar. Em poucos meses, a casa ficou linda, pintada num rosa velho por fora e branquinha por dentro. A proprietária, dona Fafá, uma senhorinha de 75 anos com jeito de mais nova do que eu, nos adorou, falando gírias modernas e parecendo sair de uma novela, diminuiu o valor do aluguel quando nos conheceu melhor. Eu passei a chamá-la de sócia, e ela, vez por outra, nos procurava na loja para tomar um chá ou um *espresso*.

Meu pai não foi contra a minha decisão, mas também não foi a favor e muito menos abriu um sorriso. Quando inauguramos a loja, no fim da festinha, me abraçou orgulhoso de me ver lutando pelo que eu queria, mesmo não sendo o que ele desejava. Daquele dia em diante, ninguém mais



questionou meu desejo de empreender. Em pouco tempo, nossa proposta jovem, moderna e com um estilo diferenciado agradou em cheio às garotas do Recreio que vinham nos visitar. Viravam clientes assíduas depois de uma segunda visita, comprando poltronas reformadas com tecidos coloridos e modernos, e roupas capazes de ser o must da noite. Em breve conquistaríamos o Rio!!!

Nesse período, além das questões profissionais, muitas reflexões faziam minha vida emocional mudar, transformando dias e mostrando como existem mistérios e novidades capazes de nos reinventar dentro das mesmas pessoas que seremos para sempre.

Demorei a me dar conta desse novo acontecimento, achava que a única preocupação deveria ser a loja e o sonho de ser empresária, até pouco tempo tão inalcançável como namorar o galã mais lindo da novela. Pensava no negócio quase 24 horas por dia. Não queria decepcionar meus pais, perder tempo em dúvidas e mostrar fraqueza para as pessoas que mais amo. Minha mãe investira muito dinheiro nos nossos planos e a Canto da Casa precisava e iria dar certo.

De alguma forma, depois das adaptações à nova vida, comecei a lamentar não ter um namorado. Confesso, sentia falta. Ter alguém é tão bom, sentir a presença de um parceiro especial, chegar a uma festa acompanhada e parar de explicar o porquê de estar só. Chaaaaaaaaaaaaaaaaato! Não tinha porque não tinha, se tivesse, teria. Simples assim.

Está bem, estava mentindo. Eu me sinto ridícula quando minto, pois sou uma pessoa que sempre prefere a verdade. Quase como chegar com figurino de casamento no meio da roda de amigos na praia. Eu não estava sozinha apenas naquele momento. Ainda não tinha namorado sério na vida, em dia nenhum. Vinte e dois anos e nunca namorei. Dramático. Sou descolada, resolvida, falo bem, não sou uma freak. Fiquei, beijei, encontrei alguns garotos numa média, sei lá, de três vezes por ano, mas namorar... jamais. Nada que tomasse forma e virasse algo importante no meu dia a dia. Nunca apresentei ninguém como meu parceiro e o máximo foi na saída de uma boate, indo lanchar depois com o garoto que não encontraria nunca mais. Um namoro de duas horas significava o máximo conquistado até então. Eu não tinha passado amoroso e sentia falta de nunca ter vivido coisas que não tinha a menor ideia de como seriam. Colocaria uma placa no pescoço com “procura-se um



namorado” e postaria no Face? Quase todas as minhas amigas falavam de seus ex ou estavam namorando naquele exato momento, menos a Leandra, minha best Lelê. Talvez por isso até me sentisse tão parecida, igual até, e espelho da melhor amiga.

Para a Lelê, a questão ofendia mais. Eu, na rotina diária, não focava lá muito no tema namorado. Só em alguns momentos *realmente* incomodava. Nos dias em que doía em nós duas, parecíamos tão gêmeas emocionalmente como meus irmãos pareciam fisicamente.

– Posso ser franca? – Eu tinha a franqueza no sobrenome.

– Claro, Kira!

– Você é mais encanada do que eu com esse negócio de namorar. Deixa acontecer... de repente você se apaixona, ele também e está tudo resolvido. Pronto, acabou.

– Não é isso. Eu não fico pensando em ter um namorado 24 horas por dia. Na verdade, penso que nunca tive. Tô com 22 anos, igual a você, um abuso não ter tido pelo menos um namoradinho, no diminutivo mesmo.

– Não pensa, Lelê! Aliás, como pode uma garota tão divertida encucar com um assunto que, de uma forma ou de outra, algum dia, vai acontecer?

– Você não fica pensando que não namorou até hoje?

– Penso, mas sei que acontecerá um dia.

– Mas a gente está velha para não ter tido sequer um amor de verão.

– Não tivemos porque não tivemos, deixa de ser chata com isso, Lelê.

Desencana e segue a vida.

– Por que tudo para você parece tão fácil, Kira?

– Porque tudo é fácil quando não é difícil, amiga. Decora isso e vai dar certo.

Para sair daquele, eca!, papo cabeça, fomos dar uma volta no Shopping Recreio. Lá, o tempo voa. É curioso que os moradores do bairro vão ao shopping totalmente desarrumados. Todo mundo trata aquele lugar como área de lazer do condomínio. Ficamos pelo menos duas horas entrando em lojas, pegando ideias para o nosso negócio, tagarelando e tendo planos mirabolantes sobre coisas totalmente sem importância. Nós nos víamos tantas vezes, mas, vira e mexe, costumávamos ter assuntos pendentes.

O shopping estava vazio, também o que esperar para uma noite de segunda-feira? Ao contrário, nossa loja tinha bombado, atendemos mais clientes do



que no sábado, correria exaustiva, trash total; a gente merecia falar besteira, dar umas boas gargalhadas e escutar as histórias uma da outra. Lelê, quase todo dia, aparecia com 297 novidades, 140 dúvidas sobre si mesma e três escândalos que nasciam de madrugada. Estranhamente *aquele* dia, caminhando e olhando vitrines, minha amiga estava mais introspectiva que o normal.

– O que você tem, Lelê?

– Nada de mais. Estava pensando no que você falou sobre querer namorar. Você acredita no amor?

– Acredito, claro. Quando você menos espera, bum, o amor surge do nada.

– Mas você acha que pode acontecer na nossa idade? Hoje em dia é tudo tarde, né? A mulherada anda casando com 30, sendo mãe com 40, tendo o segundo filho com 50!

– Lelê, o que deu em você? Esqueceu que decidiu abandonar a fase garota em crise?

– Ah, nada, nem sei explicar. Tô me sentindo meio ridícula e infantil por ter me dado conta que nunca namorei sério. Nunca namoramos, Kira, isso é o fim!

– De novo isso, amiga?

– Somos bonitas, interessantes, felizes, divertidas, cheirosas, livres, sardas, adultas, empresárias e... ufa, encalhadas como um navio na beira da praia.

– Que exagero, garota dramática!

Demos alguns passos em silêncio e depois uma gargalhada enorme que fez o corredor silencioso do shopping acordar. Nos distraímos olhando as coisas mais fofas de uma papelaria.

Comprei um bonito caderno dourado, com um laço marrom brilhoso superchique o envolvendo. Andava querendo escrever. Não sabia bem o quê. Nunca levei jeito para ser escritora.

Sáímos da loja dando risada com a espirituosa vendedora e entramos em uma loja de grife com vontade de comprar tudo. Escolhemos algumas peças e fomos para o provador. A loja tinha um papel de parede chique e espelhos que me faziam checar a imagem a cada segundo. Colares coloridos e longos chamavam atenção. Lelê experimentou uma saia de paetê rosa que amei. Eu experimentei um vestido de bolinha, que ela gostara. Sáímos da loja de mãos vazias, a vendedora deve ter nos odiado.



Hora de jantar. Estávamos com nossos estômagos reclamando abandono. Fui caminhando e, de repente, parei na vitrine de uma loja masculina. Uma camiseta cinza chamou minha atenção e congelei. Não sabia explicar bem o que estava acontecendo, me senti incomodada com aquela roupa. Sentimento estranho, coração acelerado e não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Um singelo embaraço pareceu me envolver. Lelê ficou parada, tentando entender meu olhar fixo e minha mudança de humor.

- O que foi, amiga?
- Acredita que não sei. Travei! Aquela camisa. Sei lá. Déjà vu.
- Mas o que tem isso? Qual o homem marcante que passou usando essa camisa e abalou o seu coração?
- Sensação esquisita – falei, tentando buscar no meu HD da memória alguma ligação com aquela imagem.
- Sensação estranha com uma camiseta? Kira, só você! Vai ver um dos seus irmãos tem uma igual.
- É, pode ser.

Voltei para casa encucada com a imagem da camiseta na vitrine. Eu, hein! Bati a porta do apartamento, tentando lembrar de algo para explicar meu assombro ao olhar uma blusa. Nada me remetia àquela cena. Minha cabeça estava cheia de vazio. Entrei no quarto, tomei uma chuva e acalmei o pensamento. A vida precisa de pausas. Eu necessitava parar. Hora de dormir. Deitei na minha cama, me olhei ali e senti falta de algo que não sabia. Fiquei com o caderno dourado nas mãos, depois peguei uma caneta e escrevi na capa: *Caderno de Pensamentos da Kira!* Na primeira página, coloquei: *O que fazer quando temos tudo e um detalhe se faz ausente e tão necessário? Dos dias mais felizes, os melhores ainda nem chegaram...*

Peguei no sono e comeci a sonhar com a consciência de estar sonhando. Eu estava caminhando por um outlet a céu aberto. O simpático lugar tinha vasos de flores, lojinhas bem decoradas e belas vitrines. Passeava distraída, olhando colares, vestidos maravilhosos diretamente dos anos 50, quando, de repente, vi um rapaz na minha frente. Acelerei sutilmente o passo, achei que o conhecia de algum lugar. Ele entrou em uma loja, entrei atrás. O sonho ficou um pouco confuso. A loja que deveria ser calma, parecia não ter fim, estava lotada de gente, as paredes davam a impressão de se moverem e me perdi do desconhecido, me sentindo esmagada por um número enorme de



peessoas. Depois da sensação de estresse, o tumulto parecia ter acabado, voltei a caminhar pela galeria, o rapaz estava novamente na minha frente. Foi aí que me toquei. Ele usava a camiseta cinza que vi na vitrine, a mesma de horas antes, no shopping. E o mais desconcertante foi perceber que aquela era a segunda vez que tinha o mesmo sonho... E com ele!